

MORTE COM O RIO

Alaor Chaves

Arnaldo era incapaz de imaginar a vida sem o Rio. Morava na mesma terrinha em que nascera e crescera, e que herdou do pai. Tinha dois irmãos, mas eles não deram importância à propriedade, pois era pequena. Pelo menos o irmão mais velho não deu importância. Fica com ela pra você, disse ele, com um olhar mandão para o mais novo, mais novo até mesmo que Arnaldo. O caçula baixou a cabeça com um sinal de concordância, de submissão. Logo depois a ergueu, e também disse: Fica com ela, Arnaldo.

O pai de Arnaldo era pescador. A estrada tinha isolado uma nesga de terra que margeava a curva do Rio e o fazendeiro deixou que seu pai se apropriasse dela. Ninguém mediu o tamanho da terrinha, via-se que ela era maior que um campo de futebol. Para o pai de Arnaldo, era mais do que precisava. Espaço para plantar mandioca, uma horta de abóboras, couve, taioba, inhame, batata-doce, espaço para plantar milho quando chegavam as chuvas. Milho para comer enquanto verde, tratar de umas galinhas e criar dois leitões. Nos anos bons, sobrava milho para vender algum. Quando Arnaldo casou, construiu uma casinha para ele, ainda mais perto do Rio. Tinha calha funda, o Rio, mais funda ainda naquele ponto em que a terra se elevava sobre a rocha calcária, ampliando e embelezando a vista. Árvores grandes lançavam galhos sobre o barranco e cobriam parte da água. O pai de Arnaldo gostava de pescar à sombra de um jatobá de copa larga, Arnaldo aprendeu a fazer o mesmo, na tarde calorenta. Mas a pesca só é realmente boa nas duas auroras, a do dia e a da noite. Era quando Arnaldo entrava em sua canoa leve e ágil, subia e descia o Rio em busca de um remanso onde encontrasse mais peixe.

Eram inteligentes, os irmãos de Arnaldo, entendiam difíceis leituras e tinham talentos para vencer na vida; eram bem mais inteligentes do que ele. E Arnaldo não teve ambição de vencer. Não foi estudar na cidade, aprendera o que lhe parecia bastante na escolinha rural, distante não mais de meia légua da casa do pai e da mãe. Conseguia ler as cartas que o filho e a filha lhe escreviam, e respondia uma ou outra, contando como iam as coisas. Os filhos tinham ido para a cidade, também eram inteligentes. Tinham casa boa, tinham carro e educavam os netos de Arnaldo em escola paga. Todo ano os filhos vinham visitá-lo, trazendo os filhos deles, seus netos. Traziam barracas para se acampar.

Veio o progresso, asfaltaram a estrada às costas do terreninho – sua frente, naturalmente, era o Rio. Mais abaixo, uma ponte de concreto o transpunha. Ao passar de canoa sob a ponte, Arnaldo percebia seu estremecer quando ela era cruzada por caminhões e carretas. Na cabeça da ponte, Arnaldo e outros pescadores vendiam peixe para os viajantes. Comia os peixes que não tinha conseguido vender, o que sobrasse ele dava para os animais.

O progresso revelou-se uma animação vã, pois trouxe o fim das matas e a desolação. O Rio não mantinha a firmeza da sua água, durante as secas as águas minguavam em demasia. Cada ano minguavam mais. As pedras arredondadas emergiam, cada vez maiores. Seriam bonitas se não fossem a demonstração da decadência do Rio. Os peixes também minguavam, quase todos os pescadores foram embora. Nas manhãs, Arnaldo comparecia sozinho à boca da ponte, oferecendo peixe pequeno. Quando vinham as chuvas, as enchentes eram cada vez maiores. Mesmo estando em local bem elevado, a casinha de Arnaldo era ameaçada pela água barrenta.

A mulher de Arnaldo morreu de um inchaço no coração. Doença de Chagas, os médicos tinham explicado anos atrás. O Rio também estava morrendo. Naquele ano a enchente foi ainda maior. Arnaldo trouxe a canoa para a beira da enchente. Os cães sabem fingir que dormem. Seu cachorrinho, fiel e último companheiro, dormia em uma sombra. Mas observou as ações do dono e veio correndo para entrar na canoa. Arnaldo coçou sua cabeça enquanto dizia: Hoje não, hoje não. Entrou na canoa e a empurrou para a água, usando o remo, na direção da outra margem, longínqua. Sabia muito bem que não conseguiria cruzar o Rio, e nem era isso o que queria. A água turbulenta o arrastou. Arnaldo passou pela última vez sob a ponte.